

A CIDADE NA LITERATURA: A DESCRIÇÃO DOS ESPAÇOS DA URBANIDADE NA FICÇÃO DO SÉCULO XIX

*THE CITY IN LITERATURE: THE DESCRIPTION OF URBAN SPACES IN THE FICTION
OF THE 19TH CENTURY*

Rita Patron

Mestre/Universidade Presbiteriana Mackenzie
rmpatron@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa a descrição dos espaços urbanos pela ótica das obras de importantes escritores do século XIX: Edgar Allan Poe, Charles Dickens e Charles Baudelaire, e a própria construção como observadores da então vida moderna e a representação desse novo espaço. Em uma época de massificação da palavra escrita por meio de livros, jornais e folhetins temáticos, estes textos discorrem sobre a vida na cidade e as diferenças sociais surgidas pós Revolução Industrial. Neste momento de ampliação da leitura para mais classes sociais e alimentação das utopias para o futuro, os olhares colocam as ruas, os espaços de convívio e os vazios urbanos, como personagens, junto a seus habitantes em situações cotidianas, e portanto, outros elementos surgem dessa literatura: a vida na cidade e o trabalho. Na perspectiva de articular reflexões para interpretar as cidades na visão desses autores, é possível perceber suas críticas à Londres e Paris da época, com seus habitantes deslocando-se e compondo o espetáculo da alegoria e estética urbana.

Palavras-chave: Modernidade. Estética urbana. Espaço.

ABSTRACT/RESUMEN

This article analyzes the description of urban spaces from the perspective through the work of important writers of the nineteenth century: Edgar Allan Poe, Charles Dickens and Charles Baudelaire, and their own construction as observers of the then modern life and the representation of this new space. In an era of massification of the written word through books, newspapers and thematic serials, these texts discuss life in the city and the social differences that emerged after the Industrial Revolution. At this moment of expansion of the reading for more social classes and feeding of the utopias for the future, the way people see the streets, spaces of conviviality and urban voids puts them as characters, with their inhabitants in daily situations, and therefore, other elements arise from this literature: life in the city and work. In the perspective of articulating reflections to interpret the cities in the view of these authors, it is possible to perceive their criticisms to the London and Paris of the time, with its inhabitants shifting and composing the spectacle of the allegory and urban aesthetics.

Keywords/Palabras clave: Modernity. Urban aesthetics. Space.

1. Introdução

Paris, França e Londres, Reino Unido. Panoramas da Cidade Industrial. Cidades metrópoles, ambientes das mudanças sociais, políticas, culturais e materiais no século XIX. Este artigo trata da descrição do ambiente urbano dessas cidades, segundo a ótica de importantes escritores do século XIX, tomando como base a definição de que durante séculos, cidades foram apenas centros da organização da vida em sociedade e que após a inserção da máquina sofreram um período de irreversível metropolização, com o fenômeno da urbanização, e o desenvolvimento dos meios de comunicação, e que, conseqüentemente tiveram sua paisagem e morfologia transformadas, recriadas e reutilizadas por uma nova sociedade.

A história da arquitetura nos descreve edifícios, monumentos, arquitetos e obras, mas como ela nos descreve a cidade? Como nos explica? E como nós a percebemos? Através do poder de construção da imagem por meio da linguagem, de escritores desse período que relatam a sua cidade, e que por suas características e vivências, nos permitem construir uma imagem pessoal e particular, baseadas em qualidades urbanas e de suas referidas sociedades.

A exemplo de Ítalo Calvino em seu livro *As Cidades Invisíveis*¹, que criou relatos poéticos e fábulas sobre cidades que não existem em realidade, mas que são parte do imaginário, a exploração da relação entre a linguagem e a arquitetura permite compor uma visão, seja ela realista, romântica, ou crítica, que passa a formar parte do ideal.

Os autores escolhidos, Edgar Allan Poe, Charles Dickens e Charles Baudelaire, apresentam em comum uma visão mais pragmática das cidades, a realidade dos fatos, ou seja, o cotidiano dessa realidade industrial e seu caráter, mostrando-a como um produto muito mais humano. E pelo fascínio da capacidade única de reunir comunicação, espaço e movimento em uma linguagem textual, as cidades descritas por estes autores, são lugares onde forças heterogêneas atuam, e são ambientes de inserção da sociedade e espaços de vivência.²

1 CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. Martins Fontes, São Paulo, 1997. A história que narra as viagens de Marco Polo por cidades que não existem, mas as descreve fisicamente e com detalhes arquitetônicos em meio a metáforas.

2 Em PIZZA, A. *Arte y Arquitectura Moderna. 1851-1933*. Ediciones UPC, Barcelona, 1999. “...un artista que pinta su propia visión de la ciudad y un arquitecto que proyecta parte de la misma...recomponiendo un pensamiento crítico que passa a formar parte de elaboraciones ideales...”

2. A descrição literária e a cidade como espaço

Com base na aproximação literária da poesia de Baudelaire e na prosa de Poe e Dickens, este estudo descreve, as opiniões e a crítica construída por estes autores a respeito da cidade industrial, sua arquitetura, sua urbanidade e seus ambientes. Um relato sobre a mitologia da modernidade da cidade, onde a metrópole é descrita como um lugar em que convivem as contradições, e as manifestações pessoais, dotadas de leis próprias, convenções e comportamentos originais, que são características da vida urbana. A cidade é o cenário de nossas vidas e além disso, um palco de acontecimentos da trajetória e história da humanidade.



Figura 1: Londres, século XIX. Imagem da cidade cerca de 1800.

Fonte: <https://thefrailestthing.com/2012/02/10/flanerie-and-the-derive-online-and-off/>

“Ao falar de arquitetura não pretendo referir-me apenas à imagem visível da cidade e ao conjunto de suas arquiteturas, mas antes à arquitetura como construção. Refiro-me à construção da cidade no tempo...ela remete ao dado último e definitivo da vida da coletividade: a criação do ambiente em que se vive.” (ROSSI, 1997)

O enfoque delimitado entre Paris e Londres, bem como a própria especificação temporal, se justifica na medida em que estes centros, salvo as devidas proporções, foram os primeiros locais da Europa a experimentar os problemas advindos após a Revolução Industrial: as questões de moradia, a exploração das forças de trabalho, a desigualdade social, a contaminação ambiental e a degradação de algumas zonas urbanas. Ambas as cidades, encontram-se marcadas pela industrialização e por todas as consequências da revolução nas formas de produção do capital.

Engels, por exemplo, em seu livro intitulado, A situação da classe trabalhadora na Inglaterra, ressaltava a indiferença entre todos. A única convenção entre as pessoas na cidade era o acordo

implícito segundo o qual cada um mantinha a sua direita na calçada, a fim de que as duas correntes de multidão que se cruzavam não se empatassem mutuamente. Em Londres, segundo ele, ninguém atentava para o outro. Transitando pelas ruas, os habitantes mostravam uma “indiferença brutal” para com o que se passava ao seu redor, cultivando apenas os interesses pessoais, e acrescentava que o que valia para Londres, valia para todas as grandes cidades da Europa.



Figura 2: Flanêur à Deriva, Online and Off_L.M. Sacasas
Fonte: <https://thefrailestthing.com/2012/02/10/flanerie-and-the-derive-online-and-off/>

A literatura sobre as cidades não começa com estes escritores abordados aqui, começa antes, com Victor Hugo³ ou Honoré de Balzac⁴, mas são Poe, Dickens e Baudelaire que de uma maneira mais expressiva, e descritiva, traduzem fisicamente os ambientes e suas características da era industrial, para que a partir da trajetória de sua literatura, possamos construir e ordenar o pensamento, o conceito e o sentido da atmosfera urbana.

3 Como em PAIXAO, Grace Alves da. Natureza e artificialidade nas mulheres das poesias de Victor Hugo e Charles Baudelaire. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, onde afirma que “Victor Hugo tem uma análise bastante positiva do progresso, contudo, o eu lírico de sua poesia é bastante ligado à natureza, como se a poesia fosse capaz de resgatar a relação homem/universo natural, perdida nos tempos mais modernos”, significando que as relações pessoais e sentimentais são mais enfáticas que as relações espaciais para este autor.

4 Como em SOUZA, Ricardo Luiz de. Balzac e o sono dos patifes. 2012, onde cita Curtius (1954, p. xviii) sobre o trabalho de Balzac: “seus livros eram lidos com avidez, mas ninguém se detinha nos aspectos profundos de sua obra, e para seus próprios admiradores ele permaneceu por muito tempo o mais fecundo dos nossos romancistas, nada mais”.

2.1. A Londres de Edgar Allan Poe

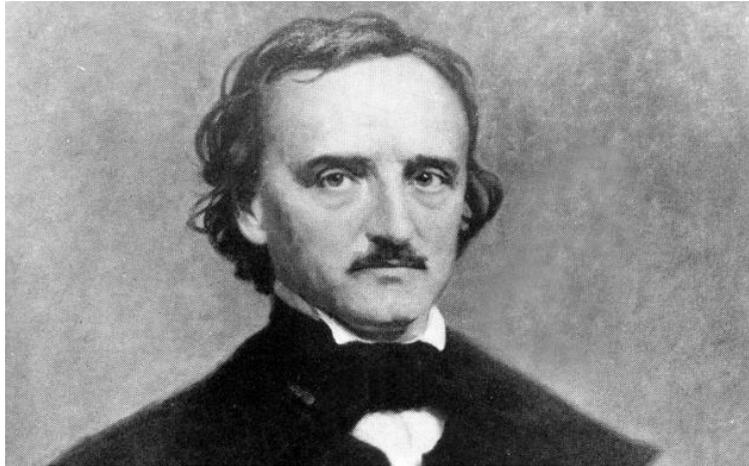


Figura 3: Edgar Allan Poe: the master of horror writing

Fonte: <https://www.telegraph.co.uk/books/authors/edgar-allan-poe-the-master-of-horror-writing/>

“Pero, como siempre, andando de um lado a outro, y durante todo el día no se alejó del torbellino de aquella calle. Y cuando llegaron las sombras de la segunda noche, y yo no me sentía cansado a morir, enfrenté al errabundo y me detuve, mirándolo fijamente en la cara.” (POE, 1975)⁵

Na Inglaterra, berço da Revolução Industrial, aconteceram profundas transformações na vida econômica, social e política a partir da segunda metade do século XVIII, e que, ao lado de inegáveis benefícios (principalmente para a burguesia ascendente), trouxeram problemas sociais graves. A migração da zona rural para as cidades cresceu de maneira desordenada, trazendo caos social na região urbana. E este cenário representava dificuldades sociais bastante complexas, como as condições de trabalho insalubres e uma produtividade muito irregular, sendo agravada por uma alta taxa de rotatividade de pessoal. Nesse período, a filosofia, as letras e as artes se guiavam pela razão, e alguns pensadores viam as mazelas dessa nova ordem como resultados de uma visão de mundo cerebral da vida e do próprio ser humano.

O primeiro escritor é Edgar Allan Poe (1809-1849). Nascido em Boston, foi um autor, poeta, editor e crítico literário integrante do movimento romântico americano. Poe percebia e compreendia totalmente o panorama londrino, tratando de descrever os espaços, em especial os noturnos, da cidade, com um enfoque de mistério e terror, e também da psique humana, típicas de suas características narrativas. Com essa linguagem concentra seu enfoque no indivíduo e

⁵ POE, El Hombre de la multitud, Cuentos 1, Madrid, Alianza Editorial, 197, em PIZZA, A. Londres-Paris. Teoría, Arte y Arquitectura em la ciudad moderna. 1841-1909. Tomo I, Ediciones UPC, Barcelona, 1998.

no lugar que este ocupa, e a relação estabelecida entre eles. As figuras de Poe se movem e atuam com o espaço urbano na medida em que as distintas situações vão acontecendo, mas sempre mantendo uma relação de espectador aos acontecimentos.

“Conforme a noite avançava, progredia meu interesse pela cena. Não apenas o caráter geral da multidão se alterava materialmente (seus aspectos mais gentis desapareciam com a retirada da porção mais ordeira da turba, e seus aspectos mais grosseiros emergiam com maior relevo, porquanto a hora tardia arrancava de seus antros todas as espécies de infâmias), mas a luz dos lampiões a gás, débil de início, na sua luta contra o dia agonizante, tinha por fim conquistado ascendência, pondo nas coisas um brilho trêmulo e vistoso. Tudo era negro mas esplêndido - como aquele ébano ao qual tem sido comparado o estilo de Tertuliano.” (POE, 2008)

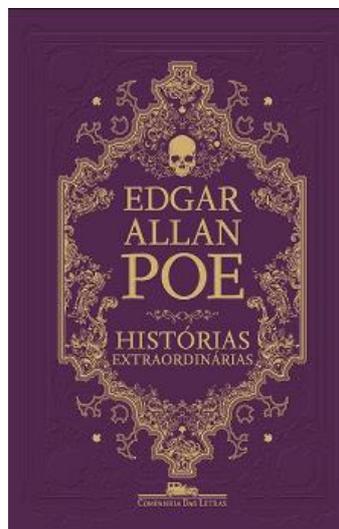


Figura 4: Capa do livro Histórias Extraordinárias, tradução José Paulo Paes, 2008.

Fonte: Companhia das Letras

Quando escreve O Homem da Multidão, relata a interminável peregrinação do protagonista através de distintos lugares em tempos alternados, retratando com detalhes as gradações próprias da atmosfera noturna da capital inglesa. Poe, em realidade, constrói o itinerário através da cidade, descrevendo-a por meio dos diferentes atos humanos que se sucede nas múltiplas cenografias urbanas, não somente tendo a arquitetura e a urbanidade, ruas e bairros, como pano de fundo, mas também as luzes, as sobras projetadas, os espaços construídos e os vazios por meio da vivência dos habitantes. Em meio ao século XIX, em plena revolução industrial, a razão da era da máquina transformara todos em parte de uma engrenagem que ditava a velocidade de trabalho, o rendimento e o fim. Não havia tempo para pensar ou ser. “O Homem da Multidão” é um conto visionário. Nele, o narrador observa o homem da era moderna na capital inglesa, vagando pela cidade, e marcado pela indiferença, o tema da paisagem e da massa urbana toma um aspecto de protagonismo. Nesse conto, Poe revela traços da cidade de Londres,

como possuindo algo extraordinário e bárbaro, a industrialização e seu progresso, e basta segui-los para encontrar instâncias sociais tão poderosas, e ao mesmo tempo tão ocultas, reveladas sutilmente a medida que o texto vai se desenrolando.

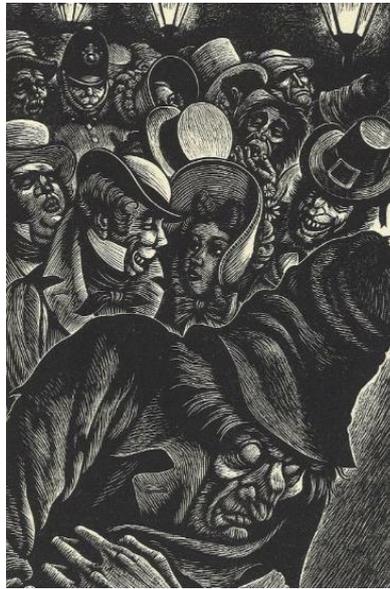


Figura 5: Ilustração para a “O Homem da Multidão” por Fritz Eichenberg

Fonte: <https://biblioklept.org/2015/06/28/illustration-for-edgar-allan-poes-story-the-man-of-the-crowd-fritz-eichenberg/>

2.2. A Crítica Social de Charles Dickens



Figura 6: Charles Dickens. Material disponibilizado em “Tijolos encarnados, tijolos encardidos: Dickens sobre as cidades industriais”

Fonte: <https://observador.pt/2016/07/25/tijolos-encarnados-tijolos-encardidos-dickens-sobre-as-cidades-industriais/>

Charles Dickesn (1812-1870), foi um escritor pertencente a sua cidade, Londres, conhecedor da realidade que descreve, mesmo que nem sempre tenha vivido na metrópole, introduziu a Londres de sua época e fez a sua trajetória literária condicionada mais pela mitologia do que pelos acontecimentos reais, ou seja, criou em seus textos, personagens que exprimiam suas sensações em meio ao espaço em que vivem, seja interior ou exterior, e este carregado de acontecimentos passados e da trajetória de outros personagens.⁶

O período histórico em que Dickens viveu – entre a primeira e a segunda metade do século 19 – foi marcado por alguns fatos relevantes à sua fundamentação artística como a Revolução Industrial, que também influencia a escrita de Poe, incidindo diretamente no ideário social, o processo de urbanização, refletindo-se na configuração das classes sociais e o desenvolvimento tecnológico, representado pelo conceito de progresso social.

Ao longo de sua carreira, modifica a cidade de Londres em um centro narrativo, que vai da alegria exuberante até a aceitação da realidade, descrevendo com exatidão o espaço geográfico, a miséria de alguns bairros residenciais e os sentimentos por ele provocados, por meio de cheiros e cores.

A Londres de Dickens se converte em alguns textos em um lugar hostil, conectado muitas vezes a imagens de desespero, como uma névoa que envolve a cidade em uma aura de mistério, em quais as grandes transformações em curso, materiais e culturais, que ocorrem nesse período estabelecem conexões, reflexos da realidade e caracterizam os personagens, reconhecendo e relacionando as manifestações da vida diária.

6 Como em DOS SANTOS, Ricardo Maria. Sobre a análise do livro de Dickens, *Grandes Esperanças*: todos os personagens têm uma relação com o espaço ao seu redor, e o espaço é descrito como uma extensão de suas próprias personalidades.

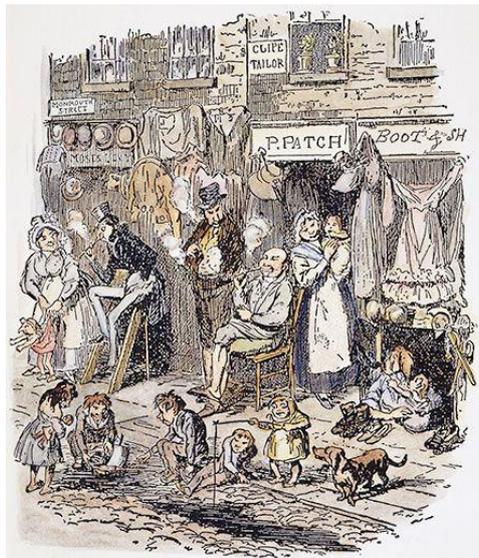


Figura 7: Sketches coloridos sobre a Londres do século XIX, para o primeiro livro de Dickens por Boz
Fonte: <https://www.smithsonianmag.com/travel/how-charles-dickens-saw-london-13198155/>

É, portanto, tendo esse cenário como pano de fundo que Dickens começa a produzir suas histórias, apresentando uma Londres, muitas vezes, caricata, já que se tratava de situar seus personagens num cenário decadente, caracterizado pela explosão demográfica e pelo êxodo rural, pela exploração do trabalho infantil, pela situação de pobreza extrema e pela violência urbana, enfim pela decadência do tecido social como um todo. Mas mais do que qualquer outro motivo literário, Dickens eternizariam em sua ficção, as condições degradantes a que estavam sujeitos os trabalhadores nas cidades industriais emergentes.

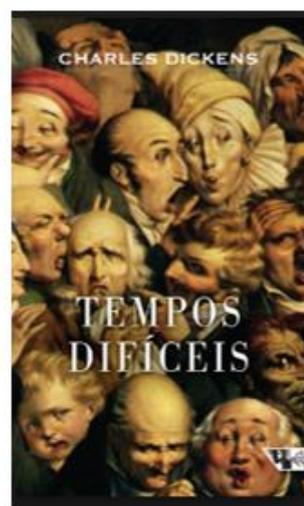
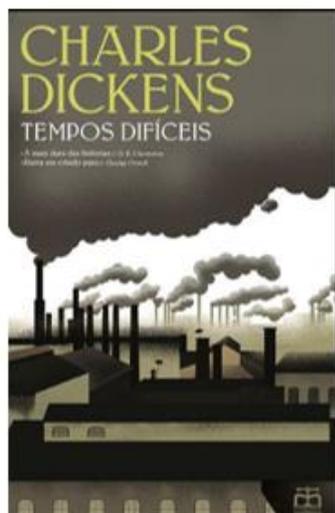


Figura 8: Propostas das capas do livro Tempos Difíceis, de Charles Dickens. Esquerda: Edição Portuguesa, Editora E-Primatur; Direita: Edição Brasileira, Boitempo Editorial.

Fonte: <https://observador.pt/2016/07/25/tijolos-encarnados-tijolos-encardidos-dickens-sobre-as-cidades-industriais/>

Dickens cria espaços míticos e imaginários como a cidade Coketown de Tempos Difíceis, inspirada no ambiente pesado, úmido e escuro de Manchester, no qual pode-se ter uma imagem clara tanto da arquitetura, quanto do ambiente resultante de uma cidade indústria do século XIX.

A respeito de Dickens, R. Williams afirma que o que importa é a visão, não tão simples, mas dramática de como a descrição do lugar relata o peso dos acontecimentos da sociedade em meio ao desenvolvimento da arquitetura.

“Era uma cidade de tijolos vermelhos, ou de tijolos que seriam vermelhos caso as cinzas e a fumaça permitissem (...). Era uma cidade de máquinas e chaminés altas, pelas quais se arrastavam perenes e intermináveis serpentes de fumaça que nunca se desenrolavam de todo. Havia um canal negro e um rio que corria púrpura por causa de uma tintura malcheirosa, e grandes pilhas de edifícios cheios de janelas, onde se ouviam ruídos e tremores o dia inteiro, e onde o pistão das máquinas a vapor trabalhava monótono, para cima e para baixo, como a cabeça de um elefante em estado de loucura melancólica. Havia ruas largas, todas muito semelhantes umas às outras, onde moravam pessoas também semelhantes umas às outras, que saíam e entravam nos mesmos horários, produzindo os mesmos sons nas mesmas calçadas, para fazer o mesmo trabalho, e para quem cada dia era o mesmo de ontem e de amanhã, e cada ano o equivalente do próximo e do anterior.” (DICKENS, 2015)



Figura 9: Ambiente da Londres descrita nos livros de Dickens.

Fonte: <http://londonandtimesofcharlesdickens.blogspot.com/2012/03/charles-dickens.html>

A estética Dickens, mais realista, privilegia - em oposição à romântica de Poe - a objetividade, o cientificismo, a exterioridade, o racionalismo, a inteligência e o materialismo. Fervoroso crítico das injustiças sociais, e preocupado com questões como a pobreza e a marginalidade

existentes em sua época, o autor lutava por essas questões, mas acreditava mesmo que as medidas transformadoras deveriam acontecer no interior de cada um. Além disso, lançando mão de uma linguagem clara e objetiva, as importâncias das descrições em sua literatura não residem somente na grandeza textual ou na relevância de análises sociais, mas no conjunto entre forma e conteúdo, na relação que expressa entre o sujeito, o edifício, o entorno e as relações decorrentes desse encontro.

As influências de Dickens se refletem em uma literatura mais realista, que adota princípios científicos, progressos sociais, experimentalismo e determinismo, incorporando em suas obras e acabando por estabelecer um vínculo entre Arte e Ciência.

“En última instancia, la visión que Dickens tiene de Londres no puede ilustrarse mediante la topografía o los datos locales. Reside en la forma de sus novelas: en su narrativa, en sus métodos de caracterización, en su genialidad para la tipificación. No importa bajo qué forma la expresemos: la experiencia de la ciudad es el método de la ficción; o bien el método de la ficción es la experiencia de la ciudad.” (WILLIAMS, 1998)⁷

2.3. O flâneur de Baudelaire e o espaço na modernidade

“A velha Paris não é mais! (Uma cidade muda mais rápido, que um coração mortal); [...] Paris muda! Porém minha melancolia não! Andaimos, palácios novos, avenidas, blocos, para mim tudo vira alegoria, E mais que as pedras, pesam lembranças queridas.” (BAUDELAIRE, 2013)



Figura 10: Charles Baudelaire

Fonte: <https://www.gettyimages.pt/fotos/charles-baudelaire?mediatype=photography&phrase=charles%20baudelaire&sort=mostpopular>

⁷ WILLIAMS, R. op. Cit., em PIZZA, A. Londres-Paris. Teoría, Arte y Arquitectura em la ciudad moderna. 1841-1909. Tomo I, Ediciones UPC, Barcelona, 1998.

O terceiro escritor abordado é Charles Baudelaire (1821-1867), que foi o grande tradutor para o francês dos textos de Poe, mas teve a sua parcela de colaboração no imaginário por meio da poesia, crítica literária e jornalismo referente a Paris do século XIX, a sociedade do segundo Império e seu contexto metropolitano, a infraestrutura para a sociedade e novo entorno urbano de Haussmann, com a recuperação dos espaços públicos, os quais dedica sua descrição, jardins, bulevares, cafés e praças, bem como a sua relação com o indivíduo e o grupo ao qual está inserido. Sua maior característica é a contribuição onde a modernidade aparece como tema recorrente e que segundo o autor significa a perda da aura, pois significa a nostalgia por algo que vai se transformando, mas em contrapartida tem uma relação de amor e ódio com o presente, a contaminação pelas deformidades do contemporâneo e a contemporaneidade rumo ao futuro, uma duplicidade de vida. Sua elaboração poética, trata de descrever a sociedade, a multidão urbana e seus ritmos no verdadeiro lugar de ação, as ruas e também pela descrição das típicas figuras de Paris, o flâneur e o operário, o culto ao artificial e a construção da imagem pessoal de autovalorização e uma austeridade de espírito.



Figura 11: Ambiente de Paris, antes da reforma de Haussmann, século XIX.

Fonte: <http://www.messynessychic.com/2013/10/11/lost-paris-documenting-the-disappearance-of-a-medieval-city/>

O flâneur aparece como a figura de um burguês que tem o tempo a sua disposição e que pode dar-se ao luxo de desperdiçá-lo, para horror da sociedade capitalista de sua época. O flâneur é um burguês que leva uma vida sem objetivos definidos a não ser buscar no complexo urbano ruas, vãos, becos por onde entrar em busca de algum espetáculo para os seus olhos. Para isso, há que existir um ambiente propício ao seu flânar. Esse ambiente é Paris, uma cidade feita para

ser vista pelo observador e caminhante solitário, pois somente ao estar ocioso pode-se apreender toda a riqueza dos detalhes da cidade.

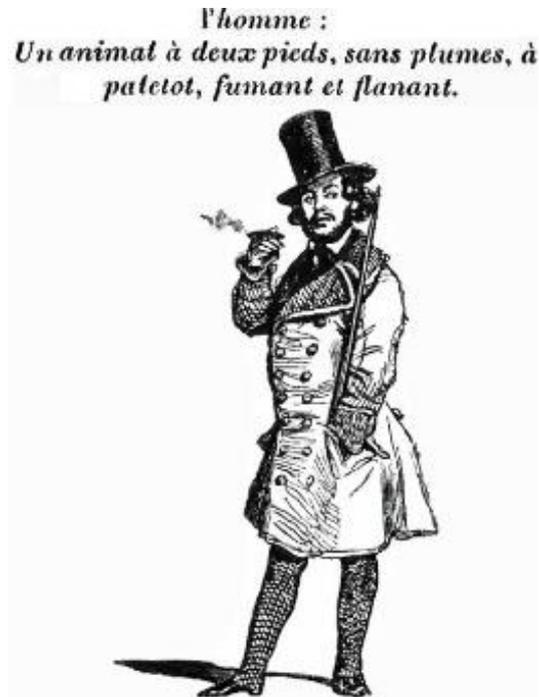


Figura 12: Imagem extraída de *Physiology of the Flâneur*, Louis Huart, 1841, *Paris Dispatches*
Fonte: <https://www.artslant.com/ny/articles/show/42145-paris-dispatches-fl%C3%A2neur-finally>

Assim, forma-se um retrato dessa figura que, ao que parece, foi uma pessoa de carne e osso, como mostra essa figura, feita em 1841, extraída do material *Paris Dispatches*: o flâneur é um gentleman que passa a maior parte de seu dia a vagar pelas ruas, observando o espetáculo urbano – as modas, as lojas, as construções, as novidades e as atrações. Seus meios de vida são invisíveis, ficando a sugestão de uma riqueza particular, porém sem a presença da responsabilidade familiar ou gerencial dessa riqueza. Seus interesses são primordialmente estéticos e frequenta cafés e restaurantes onde atores, escritores e artistas se encontram. Entretanto, parte do espetáculo urbano lhe é oferecido pelo comportamento das classes baixas (vendedores, soldados, gente da rua). O flâneur, portanto, é o leitor da cidade, bem como de seus habitantes, através de cujas faces tenta decifrar os sentidos da vida urbana. De fato, através de suas andanças, ele transforma a cidade em um espaço para ser lido, um objeto de investigação, uma floresta de signos a serem decodificados – em suma, um texto. Baudelaire e Paris tratam de uma unidade indissolúvel, descritas na coleção de textos *Les Fleurs du Mal*, nos quais Paris se converte no foco da poesia e no centro de interesse narrativo.

3. Considerações finais

Estes escritores têm em comum o fato de delinear espaços da cidade que correspondem ao leitor construir uma imagem pessoal, interpretar individualmente aquilo que mais lhe parece significativo. Mas cada um deles possui a sua maneira singular e peculiar de tratar o enfoque da cidade. A intelectualidade inglesa é diferente da crítica francesa, as visões, valores e sua própria relação com a modernidade. Modernidade essa que muitas vezes é retratada através dos costumes, atitudes e modo de vida da sociedade contemporânea. O que se pode notar como semelhança entre os autores é a antecipação dessa essência. Os narradores capturam o efêmero e o transitório dos habitantes, emergindo na experiência de sua condição enquanto elemento integrante dessa nova sociedade. No passado onde não havia a rapidez de informação de hoje ou a imagem imediata, estes escritores da urbanidade asseguraram com seus textos, a liberdade criativa para construir a imagem da cidade do século XIX, que não é apenas o espaço construído, mas sim o ambiente configurado por sentimentos sociais.

Nessas narrativas, os comentários críticos a uma sociedade marcada pela pobreza de seus componentes, pelas más condições de vida e de trabalho e pela radical estratificação social, estão sempre em face à alta sociedade do século XIX, permeados pelas descrições dos espaços percorridos e dos cenários nítidos e contundentes onde as tramas se desenrolaram.

Ao analisar estes autores com maior profundidade, se faz pertinente algumas considerações. Uma delas é a leitura que faça refletir sobre a própria condição humana nesse período, frente aos desdobramentos do êxodo rural e aumento populacional nesses grandes centros; e a outra, em como as relações com outro, com a sociedade e o mundo se configuram, muitas vezes sendo indiferentes a própria condição. Assim, a literatura aqui, se entende como uma forma de expressão e desta maneira, o olhar crítico em relação às ruas e aos espaços arquitetônicos podem instigar a perguntar sobre quais relações existem entre a sociedade e o desenvolvimento das cidades. E além disso, a transmissão de seus relatos, descrições e críticas se tornaram a capacidade permanente de articulação, reconstrução e interpretação da nossa própria imagem da história.

REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas

- AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários**. São Paulo: Cultrix, 1972;
- BAUDELAIRE, Charles. “**O pintor da vida moderna.**” **Sobre a modernidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2001;
- BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Nova Fronteira, 2013;
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. 3ªEd. São Paulo: Brasiliense, 1994;
- BRESCIANI, Maria Stella M. **Londres e Paris no século XIX: O espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 2004;
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. Martins Fontes, São Paulo, 1997
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1976;
- CARVALHO, Abraão. **O flanêur benjaminiano e o homem da multidão de EA Poe**;
- DICKENS, Charles. **Retratos Londrinos**. Tradução de Marcello Rollemberg. Rio de Janeiro: Record, 2003;
- DICKENS, Charles. **Tempos Difíceis**. Boitempo Editorial, 2015;
- ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Rio de Janeiro: Global, 1985;
- LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. **Romantismo e política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993;
- PIZZA, A. Londres-Paris. **Teoría, Arte y Arquitectura em la ciudad moderna. 1841-1909**. Tomo I, Ediciones UPC, Barcelona, 1998;
- POE, Edgar Allan. **Histórias extraordinárias**. Seleção, apresentação e tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2008;
- ROLLEMBERG, Marcello. **Um caso de jornalismo fantástico**. In. DICKENS, Charles. Retratos Londrinos. Tradução de Marcello Rollemberg. Rio de Janeiro: Record, 2003;
- ROSSI, Aldo; MONTEIRO, José Charters; MARTINS, José da Nóbrega Sousa. **A arquitetura da cidade**. 2001;
- SOUZA, Ricardo Luiz de. **Balzac e o sono dos patifes**. 2012;
- WHITE, Edmund. **O Flanêur**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002;

Teses ou Dissertações

MATOS, Érika Paula de. **Tempos difíceis na Inglaterra: forma literária e representação social em Hard Times de Charles Dickens**. 2007. Dissertação (mestrado). USP, São Paulo;

PAIXAO, Grace Alves da. **Natureza e artificialidade nas mulheres das poesias de Victor Hugo e Charles Baudelaire**. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo;

Revistas ou Periódicos

DOS SANTOS, Ricardo Maria. As transformações do conceito de infância em “Grandes Esperanças”, de Charles Dickens. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 10, n. 1, p. 9-24, 2005;

MASSAGLI, Sérgio Roberto. Homem da multidão e o flâneur no conto “O homem da multidão” de Edgar Allan Poe. **Terra roxa e outras terras: revista de estudos literários**, v. 12, p. 55-65, 2008;

SEVCENKO, Nicolau. Perfis urbanos terríveis em Edgar Allan Poe. In: **Revista Brasileira de História**, v.5, nº 8/9, set. 1984/abr. 1985, p.69-83;

WILLIAMS, Raymond. **Gente da Cidade**. In: O Campo e a Cidade: Na História e na Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.p. 260-277;

WILSON, Elizabeth. “The Invisible Flâneur.” **New Left Review**, 191 (Feb 1992).

Sites e Imagens

<<https://thefrailestthing.com/2012/02/10/flanerie-and-the-derive-online-and-off/>>. Acesso em: 25/08/2018;

<<https://www.telegraph.co.uk/books/authors/edgar-allan-poe-the-master-of-horror-writing/>>. Acesso em: 25/08/2018;

<<https://biblioklept.org/2015/06/28/illustration-for-edgar-allan-poes-story-the-man-of-the-crowd-fritz-eichenberg/>>. Acesso em 30/08/2018;

<<https://observador.pt/2016/07/25/tijolos-encarnados-tijolos-encardidos-dickens-sobre-as-cidades-industriais/>>. Acesso em 30/08/2018;

<<https://www.smithsonianmag.com/travel/how-charles-dickens-saw-london-13198155/>>. Acesso em 30/08/2018;

<<https://www.artslant.com/ny/articles/show/42145-paris-dispatches-fl%C3%A2neur-finally>>. Acesso em 25/08/2018;

<<http://londonandtimesofcharlesdickens.blogspot.com/2012/03/charles-dickens.html>>. Acesso em 25/08/2018;

<<http://www.messynessychic.com/2013/10/11/lost-paris-documenting-the-disappearance-of-a-medieval-city/>>. Acesso em 30/08/2018.